



LHM

PALAVRAS QUE ATRAVESSAM MARES E OCEANOS: ENTREVISTA COM GISÈLE PINEAU

Lígia Medina Carlos¹, Tayla de Souza Silva², Marco Antonio Rocha³, Jéssica Andrade de Lara⁴, Viviane Pereira⁵, Cláudia Helena Daher⁶, Gabriella Tomasi⁷, Francelise Rompkovski⁸, Lúcio Miguel Ruthes⁹, Letícia Dias Vieira¹⁰, Sonia Oliveira Wormes Proença¹¹, Taíssa de Nadai¹²

Des mots qui traversent les mers et les océans: entretien avec Gisèle Pineau

Apresentação

Esta entrevista foi a atividade inaugural de 2023 do projeto de extensão Littéramonde, que conta com estudantes da graduação e da pós-graduação, assim como de discentes egressos da Universidade Federal do Paraná, e tem por objetivo a discussão e divulgação da literatura em língua francesa, a partir de obras traduzidas para o português, com o público tanto acadêmico quanto externo. O projeto recebe inscrições de todas as regiões do Brasil, já que os encontros mensais – preparados pelos membros da equipe – são remotos.

¹ Université de Montréal. E-mail: l.medinafc@gmail.com.

² Universidade Federal do Paraná. E-mail: tayla.souzas@gmail.com.

³ Universidade Federal do Paraná. E-mail: marco.rocha91@gmail.com.

⁴ Universidade Federal do Paraná. E-mail: jessica.andradelara@gmail.com.

⁵ Universidade Federal do Paraná. E-mail: vaacpereira@yahoo.fr.

⁶ Universidade Federal do Paraná. E-mail: claudia.daher@ufpr.br.

⁷ Universidade Federal do Paraná. E-mail: gabriellatomasi.adv@gmail.com.

⁸ Universidade Federal do Paraná. E-mail: franmarki@yahoo.com.br.

⁹ Universidade Federal do Paraná. E-mail: ruthes.lm@hotmail.com.

¹⁰ Universidade Federal do Paraná. E-mail: leticia.d.vieira@outlook.com.

¹¹ Universidade Federal do Paraná. E-mail: sonia.olvr@gmail.com

¹² Universidade Federal do Paraná. E-mail: taissadenadai.adv@gmail.com.



Diferente das atividades de mediação de leitura realizadas até então, a equipe interna teve a oportunidade de conversar diretamente com a escritora Gisèle Pineau sobre seu primeiro romance, *Un papillon dans la cité*, ainda não traduzido no Brasil. Com intermédio da Coordenadora geral da Bibliothèque des Amériques¹³, Aleksandra Grzybowska, e das responsáveis pela programação do Centre de la Francophonie des Amériques, Stéphanie Leclerc-Audet e Vicky Sanfaçon, as professoras coordenadoras do projeto puderam agendar o encontro e os integrantes tiveram acesso ao livro gratuitamente em sua forma digital, o que permitiu que todas e todos preparassem as perguntas com antecedência. Foram cerca de três meses de preparação, entre leitura, análise e formulação da entrevista, que, graças à recepção calorosa da autora e ao espaço disponibilizado pela Bibliothèque des Amériques, seguiu de forma descontraída e mesmo emocionante.

Gisèle Pineau nasceu em Paris, em 1956, mas sua família é oriunda da ilha de Guadalupe, no mar do Caribe. Seu pai deixou a ilha em 1943, respondendo ao chamado do General de Gaulle durante a Segunda Guerra Mundial, e, por esse motivo, a autora viveu no exílio até os quatorze anos. Em 1970, a família retornou às Antilhas, instalando-se lá definitivamente, e Pineau experienciou a (re)descoberta de sua terra; é em Guadalupe que ela se tornou escritora, mas permanece na sua literatura a marca das vivências de exílio, desenraizamento e alteridade.

Pineau tem dezenas de romances publicados, dentre os quais vale destacar: *La grande drive des esprits* (1993), agraciado com o Prix Carbet de la Caraïbe, e *Ady, soleil noir* (2021), sua publicação mais recente, que narra o amor entre Man Ray e Ady Fidelin, prestigiado com o Prix du Roman Historique; os romances com traços autobiográficos: *L'exil selon Julia* (1996) e *Mes quatre femmes* (2007), que reconstroem períodos da vida familiar da autora; e *Folie, aller simple: journée ordinaire d'une infirmière* (2010), formado por episódios vivenciados em seu trabalho como enfermeira psiquiátrica; ainda, alguns romances que alcançaram reconhecimento: *L'espérance-macadam* (1995), *L'âme prêtée aux oiseaux* (1998), *Chair piment* (2002) e *Fleur de barbarie* (2006). Pineau também escreve

¹³ A Bibliothèque des Amériques foi criada em 2014 e é uma iniciativa do Centro da Francofonia das Américas, órgão do Governo do Quebec. Trata-se de uma biblioteca virtual que disponibiliza o acesso gratuito a livros de autores francófonos das Américas. O encontro com a escritora Gisèle Pineau se inscreve no âmbito do programa *Rendez-vous littéraires*, promovido pelo Centro em parceria com escritores francófonos das Américas. Cf. <https://www.bibliothequedesameriques.com/>.



contos, novelas e publicou um livro de testemunhos, intitulado *Femmes des Antilles: traces et voix cent cinquante ans après l'abolition de l'esclavage* (1998).

O livro que foi objeto desta entrevista, *Un papillon dans la cité* (1992), foi o primeiro a ser lançado pela autora e integra o ciclo de romances destinados a um público infanto-juvenil. Embora a narrativa seja ficcional, Pineau brinca com sua própria biografia, invertendo-a: no romance, a personagem principal, Félicie, nasce em Guadalupe e é obrigada a se mudar para Paris aos dez anos; ela vive, portanto, a mesma experiência de exílio, mas às avessas. Outra ancoragem do romance na vida da autora é a figura da avó Julia, ou Man Ya, que está presente no livro como personagem com o mesmo nome da avó real de Pineau. O título é alusivo: papillon (borboleta) representa o formato do mapa de Guadalupe e cité (cidade/periferia) é um modo de se referir ao lugar de exílio de Félicie. Esta última palavra, presente tanto no título do romance quanto na fala da própria Pineau durante a entrevista, é de difícil tradução para o português pois se refere a uma particularidade específica da organização urbana das cidades francesas.

Cité pode ser entendida como um sinônimo de ville, portanto, ser traduzida como “cidade”. Entretanto, essa palavra foi utilizada pelo governo francês depois da Segunda Guerra Mundial para se referir a conjuntos habitacionais, formados por prédios altos e hoje em sua maioria já deteriorados, construídos pelo Estado em prol das populações mais pobres, principalmente de imigrantes. As cités de Paris se situam na periferia (banlieue) e, por isso, estão com frequência no imaginário da população como um lugar agitado e perigoso, onde muitas vezes o narcotráfico está presente.

Durante a entrevista, Gisèle Pineau utiliza a palavra cité duas vezes. Em um momento, ao ser perguntada sobre o encontro de diferentes culturas no romance, representado pelas personagens crianças, ela nos responde: “Quand j’ai écrit mon premier roman dans ma cité à l’âge de 10 ans, c’était aussi pour jeter un pont avec ses enfants qui ne voulaient pas me parler à cause de la couleur de ma peau.” Nessa passagem, ela parece se referir à cidade em que morava quando criança, na região parisiense, e, portanto, poderíamos traduzir a seguinte passagem como “Aos dez anos, quando escrevi meu primeiro romance na minha cidade, [...]”. Contudo, optamos por manter o termo no original para preservar a expressão da autora que decide marcar esse lugar em sua fala.

Em outro momento, a mesma palavra sugere o significado de lugar periférico que o termo também carrega. Perguntamos a ela o que pensava sobre a importância da educação



na transformação da vida das pessoas e sua resposta deixa evidente o papel da escola, que pode transformar vidas, apesar da periferia. Ela diz: “C’est vrai qu’il y a la cité, mais il y a aussi le collègue [é verdade que há a periferia, mas há também a escola].” Novamente, para fazer jus ao lugar específico francês do qual a autora fala, decidimos manter a palavra também na língua francesa.

Entrevista

EQUIPE LITTÉRAMONDE: A presença do imaginário infantil é muito forte no romance *Un papillon dans la cité*. A voz de Félicie, uma narradora de dez anos de idade, com suas descrições detalhadas de sonhos e fantasias, suas construções de imagens que se assemelham a fábulas e seu olhar de descoberta frente à vida dão à narrativa um aspecto de romance de formação. Como se deu a escolha desse tema para o primeiro livro que você publicou? Você pensou em um público específico? Por que uma narrativa infanto-juvenil?

GISÈLE PINEAU: *Un papillon dans la cité* foi um livro que não tive a intenção de escrever. Já tinha escrito um romance enorme, de 400 páginas, e tive a oportunidade de encontrar Maryse Condé, a grande escritora de Guadalupe. Eu havia ganhado um concurso de contos em Guadalupe, e, nesse evento, Maryse Condé me deu a honra de conhecê-la. Ela me perguntou se eu já havia escrito alguma coisa. Mostrei meu tijolo de 400 páginas que, claro, já havia sido rejeitado por várias editoras parisienses, e Maryse Condé foi extremamente generosa comigo. Ela me disse: “com esse livro, você pode fazer dois, pois tem coisa demais nele”. Quando a gente é uma jovem escritora, depositamos tanto esforço para escrever um livro, cremos que devemos colocar tudo ali, que talvez não tenhamos a chance nem a força para escrever outro livro, então, de fato, eu havia inserido tudo naquele romance.

Em uma de suas passagens por Guadalupe, onde Maryse Condé tinha uma casa, ela me convidou para visitá-la e me contou sobre um editor que estava criando a sua editora, Patrick Mérand – Éditions Sépia, e que ele estava procurando textos de jovens escritores que vinham da África ou das Antilhas. Então pensei: “Bom, por que não escrever um livro?” Maryse Condé me encorajou fortemente e, de imediato, esse tema se impôs: uma menina que vive em Guadalupe com sua avó porque sua mãe partiu para viver na França e lá tentar encontrar um trabalho, “uma situação”, como se diz nas Antilhas. É realmente uma



trajetória muito comum. Sair de uma pequena ilha, onde dizem que não há trabalho, não há oportunidade, para ir à metrópole, ganhar a metrópole e encontrar um futuro. Conheço bastante gente que está nessa situação, avós que criam seus netos porque os pais foram para a França metropolitana. Então por que não escrever essa história? Em *Un papillon dans la cité*, há uma menina que se parece comigo, mas ela nasceu em Guadalupe, enquanto eu nasci em Paris, e ela faz a sua viagem. Ela deixa sua avó para descobrir a mãe que ela não conhecia nem um pouco, pois a mãe e a avó estão brigadas.

É um assunto que me fascina e acredito que, na maioria dos romances em que trato do exílio, em que falo sobre o exílio, este tema reaparece. Sair de Guadalupe para ir a algum lugar. No começo da minha fala, mencionei meu pai que saiu de Guadalupe para ir combater o exército nazista na França quando a Europa estava sendo invadida pela Alemanha. Então, enquanto escrevia *Un papillon dans la cité*, pensava em todas essas vidas que foram abaladas, em toda essa gente que precisou abandonar o mundo conhecido para desembarcar em outro clima, com códigos diferentes. E foi interessante para mim mostrar que Félicie levava consigo uma parte de Guadalupe, que ela não chegava vazia a outro país, que ela tinha algo a fornecer, porque esse é o meu sentimento, minha crença, que todos aqueles que migram, todos os migrantes do norte e do sul, todos que saem de seu país porque aconteceu ou uma catástrofe natural, ou uma guerra, ou a violência de elementos naturais... Pois bem, o que fazemos para sobreviver, para permanecer em vida, para que as crianças tenham um teto? Abandonamos esse mundo para colocá-las sob abrigo. Félicie é o retrato de uma reaproximação familiar e é uma experiência que muitas crianças vivem neste mundo. Então, é isso, a história da gênese, da criação de *Un papillon dans la cité*.

E.L.: Há muitas frases e palavras em crioulo guadalupense no romance *Un papillon dans la cité*. A narrativa também coloca em evidência a transmissão de sabedoria através da oralidade, da figura das avós e de algumas crenças populares. Você poderia falar um pouco sobre o papel que a oralidade ocupa no seu projeto literário?

G.P.: Eu queria escrever esse romance com a língua crioula. No início, eu tinha certeza de que era um livro destinado às crianças de Guadalupe. Não imaginava que ele viajaria tanto e encontraria leitores do mundo todo. Então, as palavras em crioulo são para mostrar que não devemos colocá-las de lado, porque fazem parte daquilo que conhecemos e daquilo que vivemos. São respeitáveis porque realmente são necessárias para a compreensão dessas



peessoas que vêm de Guadalupe: como se diz em Guadalupe, como falam, como enxergam os dias, o trabalho...

Essas palavras em crioulo estão lá porque são necessárias. Não é uma questão de postura, não é apenas para crioular um pouco o texto e dar um tom exótico ao meu trabalho e à minha escrita. Essas palavras em crioulo se impuseram porque a avó Julia – Man Ya – não fala francês. Eu queria estar o mais perto possível dos meus personagens e não utilizar a língua francês padrão. Era importante ainda que nem todos compreendessem. Há algumas notas de rodapé, mas o objetivo era manter a autenticidade dos meus personagens, era importante para mim mostrá-los. Como eles interagem, quais são seus códigos, como se comunicam mesmo com essas palavras em crioulo e esses provérbios, com essa maneira de dizer sem dizer com imagens. É preciso saber que a língua crioula é muito imagética, usamos muitas metáforas. Isso fazia sentido para mim e para tudo que escrevo a cada vez que tenho personagens guadalupenses antilhanos. Eles se exprimem como o povo de Guadalupe no cotidiano em crioulo e em francês. Essa língua foi colocada em evidência pelo movimento da Crioulidade, que foi fundado por Patrick Chamoiseau e Raphaël Confiant. É um movimento que já provinha das obras de Simone Schwarz-Bart, com *Pluie et vent sur Têlummée Miracle*. Encontramos uma palavra crioula que está ali e que atravessa a língua francesa. As palavras do francês antigo permanecem na linguagem crioula de hoje. Elas desapareceram na França hexagonal, mas se fazem muito presentes na língua crioula.

Costumo buscar palavras do francês antigo para inseri-las nos meus textos e, em *Un papillon dans la cité*, eu também queria prestar homenagem a essa língua, como na maior parte dos meus romances. O imaginário está ali. O modo de falar sobre as crenças. Crenças que vieram da África até nós, o *soukounyan*, os espíritos, os mortos que falam com a gente, há tudo isso no mundo antilhano.

E.L.: A partir da leitura do romance e das entrevistas que você concedeu, podemos perceber o papel central que a figura da avó possui na sua escrita e na sua vida. É alguém que acolhe, que une a família através da cozinha e das histórias, como um armazém vivo de ternura e de sabedoria. Man Ya parece refletir a figura de sua própria avó, mas há outras figuras, mesmo em *Un papillon dans la cité*. Como se dá o processo de construção dessas outras avós nos seus livros? E quanto à Fathia, como você a concebeu? Esta proximidade



entre Man Ya e Fathia poderia sugerir também uma proximidade entre a cultura árabe e a cultura guadalupense?

G.P.: É verdade que, se eu não tivesse a avó Julia ao meu lado no apartamento da periferia parisiense quando eu era criança, acredito que eu seria diferente hoje em dia. Naquela época, nos anos 1960, os pais antilhanos que viajavam e chegavam na França metropolitana abandonavam a língua crioula. Reprimiam esta língua e falavam com seus filhos apenas em francês, porque, segundo eles, a língua francesa era a língua nobre, a língua da ascensão social. A língua crioula era a língua dos camponeses que trabalhavam nos campos de cana de açúcar guadalupenses, a língua do interior de Guadalupe. Meu pai chamava essa língua de patois.

Meus pais, entre eles, só falavam francês, e quando minha avó chegou em nossas vidas, eu tinha quatro anos e ela não podia fingir que falava francês, porque ela não sabia nada. Foi graças a ela que tive essa língua moldada na orelha durante minha infância, dos quatro aos quatorze anos. Durante dez anos tive minha avó e essa língua crioula comigo. Nós a entendíamos graças à minha avó, e a entendemos também quando chegamos primeiro à Martinica em 1970 e, depois, em Guadalupe, onde todos falam crioulo. E eu entendo, nós entendemos, mas sempre tivemos o hábito de responder à minha avó em francês. Nós entendemos, mas somos incapazes de falar a língua crioula.

Para mim, essa avó, como a avó Fathia de Mohamed na narrativa, está ali para fazer a ligação com o país perdido, está ali para a transmissão, enquanto os pais, em exílio, querem frequentemente cortar essa ligação com o país, porque para eles muitas vezes é o país da miséria, do fracasso, o país árido, que não dá nada, que não dá trabalho, que não dá pão. O país onde houve escravidão, onde há lembranças ruins, onde há uma história dolorosa: as Antilhas, a colonização, a escravidão. Os pais agem dessa maneira para o bem de seus filhos, mas não sabem que estão tirando deles uma parte importante de seus próprios cernes, no nível mais profundo, e de suas próprias essências. Que estão esvaziando-os desta riqueza que é a língua e o lugar de onde eles vêm: este país, Guadalupe, assim como o país de Mohamed.

Mohamed se parece com Félicie. Mais tarde, vou falar de outros migrantes. Essa questão me interessa muito, porque quando deixamos um país, não partimos de mãos vazias. Nós voltamos, também chegamos com alguma coisa que trouxemos para o novo país, mesmo que muitas vezes ele nos acolha mal, porque as pessoas são tidas como



estrangeiras. Somos estrangeiros, não falamos a língua corretamente, temos um sotaque e isso é muito complicado.

Dessa maneira, as avós estão lá para transmitir. Eu tive a sorte de ter a avó Julia perto de mim, que me transmitiu muito do amor pelo país e por essa língua, pelas histórias, pelos contos e lendas. Quando cheguei a Guadalupe com quatorze anos, eu não era totalmente analfabeta como ela dizia. Ela dizia que ela mesma era analfabeta... Graças a ela, pude conhecer a natureza do meu país. Ela me ensinou muito.

E.L.: No romance, achamos muito bonita a passagem em que o personagem Mohamed conhece o mar pela primeira vez e as comparações entre o mar e o deserto que se sucedem. Podemos ler esse encontro do deserto com o mar como um encontro de culturas (árabe e caribenha)? Nesse sentido, uma vez que os personagens Félicie e Mohamed se conhecem na França e então conhecem o modo de vida um do outro, você acredita que a língua francesa pode ser essa ponte entre as diferentes culturas?

G.P.: Certamente, Félicie não vai somente conhecer os franceses da França, ela também vai conhecer todos aqueles que vêm do tempo da colonização francesa e Mohamed é uma criança como ela, que deixou o seu país para chegar nessa periferia parisiense onde há muitos imigrantes. Então, é claro que a língua francesa pode ser uma ponte entre as culturas. Aos dez anos, quando escrevi meu primeiro romance na minha cité, também foi para estender uma ponte entre as crianças que não queriam conversar comigo por causa da cor da minha pele. Essas crianças que me rejeitavam, que me consideravam como uma estrangeira, como um animal, essas crianças que não se interessavam por mim, que pensavam que eu as sujaria.

Essa língua francesa é, sem dúvida, uma ponte entre todas as culturas. O encontro entre Mohamed e Félicie acontece porque existe essa língua francesa. E a avó, Fatiah, que não fala [francês] muito bem, que também fazia os outros provarem da sua cozinha. Agora há pouco acredito que tenham comentado da culinária das avós. É uma maneira de descobrir o mundo e de mostrar também a riqueza do mundo com todos esses pratos que são inventados pelos seres humanos, pelas mulheres em suas cozinhas... e que são bons! Queremos prová-los, temos curiosidade por eles e Félicie ama experimentar, ela é comilona. Ela não vê Mohamed como um estrangeiro, ela o vê como um menino e é curiosa sobre sua cultura. É essa curiosidade que eu mesma experimento quando viajo pelos países. Tenho



vontade de descobrir, não me contento em comer a culinária francesa, pelo contrário, tenho sempre uma sede de descobrir a cultura do outro. Falamos da cozinha, mas também podemos falar da cultura em geral. Quando eu falo da maneira como festejamos o Natal em Guadalupe e na França, é muito, muito diferente. Somos franceses em Guadalupe, somos um departamento francês ultramarino, mas nós festejamos o Natal de forma diferente. Não há neve. Há agora o Papai Noel, mas não há neve. Não temos o pinheiro de Natal, amarramos um galho de filao e colocamos flores e guirlandas; tocamos tambor; não comemos peru... Nessa cité, Félicie tem saudades de seu país, de suas festas, da vizinhança como ela conta, como ela se lembra.

Gosto bastante de evocar a nostalgia porque vamos descobrir um país. Somos curiosos por esse país, mas ao mesmo tempo há sempre a nostalgia daquele que vai deixar sua terra. Eu tinha muito interesse em imaginar Félicie no plano psicológico também, não apenas vê-la pelo seu exterior, mas entrar em sua cabeça, em seus pensamentos – o que eu penso, o que vou fazer. E mesmo sendo uma menina que tem dificuldades no plano afetivo com a mãe que ela não conhece, ela é capaz de ajudar o outro, de ajudar alguém. Félicie estende a mão a Mohamed, ele vem ao nosso país, ela não o teria talvez jamais conhecido, mas a amizade pode existir. É isso o que digo em *Un papillon dans la cité*: a amizade pode existir com as pessoas que não são da mesma cor de pele que você, que não falam a mesma língua, que não têm a mesma história, cujos pais não vêm do mesmo lugar.

E.L.: No nosso grupo, temos alguns membros que já são professores e outros que se preparam para isso. Nesse sentido, a importância da educação e o papel desempenhado pela Mlle. Bernichon, a professora no romance, nos tocou muito. Há uma razão especial para você ter escolhido a escola como fator de transformação? Você poderia nos falar um pouco sobre essa escolha?

G.P.: É verdade que há a cité, mas há também a escola. As crianças se encontram na escola, se reúnem na sala de aula e precisam viver com um pequeno grupo de estrangeiros. Elas não se conhecem no começo do ano escolar e devem aprender a viver juntas. Isso é uma pequena amostra do mundo.

Lá estão as crianças que vêm um pouco de cada lugar, precisam conviver e é isso que devemos fazer na Terra. Todos sobre a Terra, sobre toda esta Terra, devemos coabitar. Então, a educação é extremamente importante. Quando Mlle. Bernichon decide fazer essa viagem,



ela é uma jovem professora cheia de energia ao mesmo tempo que de empatia. Ama seus alunos, ama seu trabalho, ama o que faz e deseja realmente salvar todas essas crianças e também lhes ensinar sobre o mundo. E ela vai escolher Guadalupe, como por acaso, porque essa é uma forma de entrar e descobrir uma outra parte do mundo a 8.000 quilômetros. E, como por acaso, Félicie está nessa turma. Para mim, é também uma forma hábil de levar Mohamed a descobrir a cultura e o país de Félicie, uma vez que ela mesma descobre o mundo da África do Norte, a cultura da avó dele, os vestidos, as roupas, todos os tapetes e, claro, todos os doces deliciosos que a avó Fathia prepara no apartamento de Mohamed. Ela vê que ele também descobre os pratos de Man Ya.

Então, a educação é muito importante, porque é lá onde aprendemos a respeitar o outro. É lá onde deveríamos aprender a respeitar o outro, mesmo que venha desse ou daquele país, mesmo que tenha um sotaque, mesmo se seus cabelos forem assim ou assado. É um lugar onde não deveríamos aprender somente matemática, línguas, deveríamos aprender também sobre como viver juntos neste planeta.

Acho que neste livrinho, *Un papillon dans la cité*, falo com verdade, apresento realmente minha visão de mundo. Falei agora mesmo sobre a amizade, o exílio, e são esses os grandes temas: a amizade, o viver em conjunto, a ajuda mútua e também a empatia. Acredito que, nesse livro, falo também que sou contra todas as formas de preconceito. Essa é minha crença. Escrevo contra os preconceitos e, quando termino um livro, tenho a esperança de que o leitor seja tocado e que talvez ele tenha vontade de ir encontrar esses negros que detesta, que não conhece, porque, antes de mais nada, com certeza se trata de ignorância, que é a base da rejeição: a estupidez, a ignorância. Nós não temos curiosidade sobre os outros, nós os julgamos e depois transmitimos o preconceito que nossos pais, ou os adultos de um certo meio, nos ensinaram.

Não são somente os outros, não são somente os europeus, isso existe também em Guadalupe, na minha casa. Eu lamento esse preconceito entre cores de diferentes matizes, do mais escuro ao mais claro, e é verdade que ainda há preconceito de cor em Guadalupe. Isso também faz parte da minha luta. É muito importante para mim poder dizer isso hoje.

E.L.: Nós sabemos que às vezes, no meio editorial, os escritores e as escritoras não dispõem sempre de plena autonomia no que diz respeito a algumas escolhas relacionadas ao layout final de seus livros. Como se deu o processo de publicação de *Un papillon dans la*



cité? Você teve a possibilidade de tomar decisões quanto a elementos como notas de rodapé, divisão de capítulos e a capa do livro? Você acredita que teve mais liberdade de escolha na publicação de seus romances posteriores?

G.P.: Quando publiquei *Un papillon dans la cité*, eu já estava muito contente por um editor ter finalmente aceitado publicar um dos meus livros. Era o primeiro, eu já tinha publicado contos, como eu disse a vocês, então, com *Un papillon dans la cité*, eu estava muito feliz. O editor se chama Patrick Mérand e, naquela época, ele estava começando sua editora. Foi ele próprio que desenhou a capa de *Un papillon dans la cité*. Não sei se vocês têm a primeira edição, a segunda ou a terceira, já que houve edições sucessivas e, todas as vezes, a capa foi mudada para atualizá-la, para deixá-la um pouco mais moderna. Então, algumas pessoas têm a edição com a torre, os pequenos desenhos, a borboleta, e outras têm a do rosto de uma menina em um fundo laranja. Há uma terceira edição com uma capa azul também. Enfim, claro que eu não tive o direito de me pronunciar. Os autores, a partir do momento em que entregam seus textos, não são mais donos do que quer que seja.

As notas de rodapé foram necessárias e eu as aceitei porque esse livro chegaria a leitores que não eram falantes de crioulo. Quanto à capa, não tenho nenhum direito à opinião, não tenho muita coisa a dizer sobre isso. E quanto às notas de rodapé, elas não existem nos meus livros destinados a adultos. Eu me recuso. Ali, eu não quero que haja tradução. Há, talvez, uma tradução em um livro que escrevi sobre a verdadeira história da minha avó Julia, um livro que se chama *L'exil selon Julia*, no qual há uma música crioula que está traduzida no corpo do texto.

Fui publicada pela *Mercure de France*, pelas Edições Stock, pela Philippe Rey e, agora, por vários editores parisienses e é verdade que, na maior parte do tempo, considera-se que isso não é trabalho do autor. Existem designers gráficos e, mesmo se às vezes não concordei com as capas, não fui ouvida. Não vou citar os títulos, mas algumas vezes foi mesmo doloroso ver uma certa imagem na capa de um dos meus livros que não correspondia em nada com o que eu havia escrito, que não parecia em nada com a minha heroína. Existem capas de que gosto muito, mas há algumas que não me agradam. Mas os editores me disseram: “Ah, é assim, ponto final”. Agradeço por esta pergunta que raramente me fazem.



E.L.: Nós identificamos possíveis diálogos entre o seu romance *Un papillon dans la cité* e o de Maya Angelou, *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*, e também com as memórias de Maryse Condé, em *O coração que chora e que ri*. Sobre isso, temos duas questões: Poderíamos pensar em uma rede entre as escritoras caribenhas e, quem sabe, americanas? Você pensa a sua produção em uma linha literária das mulheres guadalupenses e/ou das negras americanas?

G.P.: O que vocês conseguiram encontrar em *Eu sei por que o pássaro canta na gaiola*? Porque é uma história terrível. É tão dolorosa, tão mais pesada do que a de Félicie. Na história de Félicie, há a experiência do exílio, mas não há essa violência, de uma criança que é abusada, que é violentada, que é maltratada... Félicie escapa disso em *Un papillon dans la cité*. É possível encontrar violência em outros livros meus, em alguns deles, porque é um tema que me interessa muito. Além da filiação com as mulheres americanas, claro, e mais ainda com Maryse Condé, que é guadalupense. Há um interesse pela mulher negra e por sua situação, suas experiências e sofrimentos nos meus livros. Não sei se podemos perceber isso em *Un papillon dans la cité*, mas, de qualquer modo, em outros livros, mesmo em *L'exil selon Julia*, em *Cent vies et des poussières...* podemos encontrar mulheres que são maltratadas, que sofrem e que também se reerguem. Fui uma grande leitora desde muito jovem de Maya Angelou e de Toni Morrison, e me reconheço como mulher negra em suas obras; reconheço a dor, reconheço a dificuldade de dizer e descrever a dor. Reconheço, principalmente na escrita de Toni Morrison, essa visceralidade que nos arrebatava. A forma como ela se expressa e escreve com tanta exatidão e tanta força, com toda essa beleza por intermédio da dor, tanto nos textos de Maya Angelou, como nos de Toni Morrison. Ambas são exemplos para mim. São grandes escritoras porque contam suas histórias com sinceridade, porque as contam de dentro, porque estiveram em contato com tantas mulheres, souberam dizer e souberam gritar em seus livros, souberam fazer ouvir as vozes dessas mulheres e eu lhes agradeço por isso. Há muitas mulheres nos meus romances, há muitas meninas pequenas, histórias com meninas e com mulheres e há também meninas que crescem ao longo das páginas e se tornam mulheres que não esquecem as violências sofridas na infância.

E.L.: A difusão das literaturas em língua francesa é bastante recente no Brasil: apesar da proximidade geográfica e histórica que nos liga às ex-colônias francesas, a universidade



e o mercado editorial brasileiro há muito ignoram uma produção considerada periférica ao centro franco-francês. Você tem ideia da recepção do seu trabalho no Brasil?

G.P.: Eu não tenho ideia. Não sei se é conhecida no Brasil, mas, de fato, tenho visto que os estudantes se interessam pelas Antilhas francesas. Também tenho curiosidade sobre os retornos que eu poderia ter em relação a essas leituras. Existe uma proximidade... de toda maneira, existem histórias tão comuns. Podemos dizer que as crianças do Brasil podem se reconhecer em *Un papillon dans la cité*? Crianças criadas pelos avós e que precisam ir para uma cidade grande, que precisam partir, elas vivenciam a experiência do exílio?

E.L.: Recentemente, lemos o livro *Pour une littérature-monde*, organizado por Michel Le Bris e Jean Rouaud, e tivemos a impressão de que os autores de língua francesa reunidos (e por vezes apagados) sob o qualificador “literatura francófona” parecem estar cansados de responder por que eles escrevem em francês. Você responde com frequência a essa pergunta? O que significa para você estar sob o signo da francofonia?

G.P.: Não me fazem a pergunta “por que escrevo em francês” pois a língua francesa é minha língua mãe. A língua crioula é minha língua avó. As pessoas sabem porque escrevo em francês. É porque venho de um departamento francês ultramarino, de uma ilha que foi colonizada pela França. Guadalupe foi colonizada pela França, nós estamos a quilômetros dela, mas somos franceses, falamos francês. Felizmente, conservamos a língua crioula, nós a preservamos também. Essa língua crioula agora tem seus dicionários, suas gramáticas, seus gramáticos, tem estudantes que obtêm doutorados. É uma língua que esteve moribunda, agonizante e que nós realmente reanimamos, trouxemos de volta à vida, porque era uma língua extremamente desprezada. Já disse antes, era a língua dos camponeses, das plantações de cana.

Então, por que escrevo em francês? Por que faço parte da francofonia? O que quer dizer “francofonia”? Quando ouço “francofonia”, ouço a grande história do mundo, ouço também — e não quero utilizar um clichê — esse tempo, o tempo das colônias. Existe a francofonia porque a França foi um império colonial e a língua francesa chegou até as suas colônias, até muito longe na Ásia, na África, no Caribe, na América.

Mas sou feliz por falar esta língua francesa. Eu amo esta língua francesa. Amo muito esta língua francesa e mesmo se me dizem hoje que sou francófona, sim, sou francófona porque falo francês. Também falo crioulo porque, atrás da francofonia, talvez haja uma



história dolorosa, trágica e de combates pela liberdade, mas esta língua me pertence tanto quanto a um francês da França, e eu faço o que quero com ela. Amo esta língua francesa junto e ao lado da língua crioula. Tenho o direito de reinventar esta língua francesa, de brincar com esta língua francesa e de navegar nesta língua francesa no meu ritmo, na minha cadência.

Então, meus livros não vão ser classificados como a pura literatura francesa, sobretudo parisiense. Quando passeio pelas livrarias francesas, por vezes, vejo meus livros na seção literatura-mundo e tudo bem, eu aceito ser dessa literatura-mundo porque, para mim, a literatura pertence a todo mundo.

Hoje vocês estão muito longe de mim. Vocês leram *Un papillon dans la cité*, e foi graças à língua francesa que vocês encontraram esse cantinho dessa pequena borboleta que é Guadalupe e que não se encontra em todos os mapas do mundo. Vocês já viram que Guadalupe tem a forma de uma borboleta? No meio das Antilhas essa pequena borboleta viaja. A língua francesa é minha língua, eu a reivindico. Quando escrevo, eu me perco nas palavras. Amo todas essas palavras que estão ao meu alcance, que são acessíveis, que atravessaram os mares e os oceanos e que encontraram meus ancestrais. Esta língua me foi transmitida por meus pais e, além disso, agradeço a todos os autores que li e que me fizeram amar os livros e a literatura. Uma língua, nós nos apropriamos dela, ela nos pertence e nós a partilhamos. Foi evocada há pouco esta ideia de ponte e, sim, esta língua é uma ponte entre os homens, como outras línguas. Então, agradeço a vocês por descobrirem *Un papillon dans la cité* e por serem curiosos. Falei sobre minha própria curiosidade, mas agradeço aqui, novamente, à *Bibliothèque des Amériques* e a suas professoras que tiveram essa curiosidade por esse pequeno livro com essa história que se parece com tantas histórias através do mundo: de uma criança que deve partir e que deve se adaptar. Nós devemos nos adaptar a um novo mundo.

Entretien en français

ÉQUIPE LITTÉRAMONDE: La présence de l'imaginaire enfantin est très forte dans le roman *Un papillon dans la cité*. La voix de Félicie, une narratrice de dix ans, avec ses descriptions détaillées de rêves et rêveries, ses constructions d'images qui ressemblent à des fables et son regard de découverte devant la vie donnent au récit l'air d'un roman de



formation. Comment s'est déroulé le choix de ce thème pour le premier livre que vous avez publié? Avez-vous pensé à un public spécifique? Pourquoi un récit de jeunesse?

GISÈLE PINEAU: Un papillon dans la cité est un livre que je n'avais pas prévu d'écrire. J'avais déjà écrit un énorme roman de 400 pages et j'avais eu l'opportunité de rencontrer Maryse Condé, la grande écrivaine guadeloupéenne. J'avais gagné un concours de nouvelles en Guadeloupe, et, à cette occasion, Maryse Condé m'avait fait l'honneur de me rencontrer. Elle m'avait demandé si j'avais déjà écrit quelque chose. Je lui ai présenté mon pavé de 400 pages qui, évidemment, avait déjà été refusé par de nombreux éditeurs parisiens à qui je l'avais envoyé et Maryse Condé a fait preuve d'une grande générosité avec moi. Elle m'a dit: « ce livre tu peux en faire deux, parce qu'il y a trop de choses ». Quand on est une jeune écrivaine, on déploie tellement d'efforts pour écrire un livre, on croit qu'on doit tout mettre, que peut-être on n'aura pas la chance d'écrire, ni la force d'écrire un autre livre, alors effectivement j'avais tout mis dans ce roman.

Lors d'un de ses passages à la Guadeloupe, où Maryse Condé avait une résidence, elle m'a convié chez elle et elle m'a parlé d'un éditeur qui créait sa maison d'édition, Patrick Mérand - Éditions Sépia, et qui cherchait des textes écrits par de jeunes auteurs qui venaient de l'Afrique ou des Antilles. Alors je me suis dit: « bon, pourquoi ne pas écrire un livre? » Maryse Condé m'a fortement encouragée et immédiatement ce thème s'est imposé: une petite fille qui vit à la Guadeloupe avec sa grand-mère parce que sa mère est partie vivre en France et tenter de trouver un travail, « une situation », comme on dit aux Antilles. C'est vraiment une trajectoire tellement habituelle. Quitter une petite île, où on dit qu'il n'y a pas de travail, il n'y a pas d'opportunité, pour aller en métropole, gagner la métropole et trouver un avenir. Je connais beaucoup de gens qui sont dans cette situation, des grand-mères qui élèvent leurs petits-enfants parce que les parents sont partis en France métropolitaine. Alors pourquoi ne pas écrire cette histoire? Dans Un papillon dans la cité il y a une petite fille qui me ressemble, mais elle est née en Guadeloupe, tandis que moi je suis née à Paris et elle fait son voyage. Elle va quitter sa grand-mère pour découvrir sa mère qu'elle ne connaît pas du tout, puisque la mère et la grand-mère sont fâchées.

C'est un sujet qui me passionnait et je crois que dans la plupart des romans où je traite de l'exil, où je parle de l'exil, ce thème revient. On quitte la Guadeloupe pour aller quelque part. Au début de mon intervention, j'ai évoqué mon père qui avait quitté la Guadeloupe pour aller combattre les forces nazies en France alors que l'Europe était envahie



par l'Allemagne. Donc, quand j'écris Un papillon dans la cité, je pense à toutes ces vies qui ont été bouleversées, à tous ces gens qui ont dû quitter le monde connu pour débarquer sous un autre climat, avec des codes différents. C'était intéressant pour moi de montrer que Félicie emmenait avec elle une part de la Guadeloupe, qu'elle n'arrivait pas vide dans le pays d'accueil, qu'elle avait quelque chose à apporter, parce que c'est ma croyance que tous ces qui migrent, tous les migrants du Nord ou du Sud, tous les gens qui quittent leur pays parce qu'il y a soit une catastrophe naturelle, soit une guerre, soit la violence des éléments naturels... Voilà qu'est-ce qu'on fait pour survivre, pour rester en vie, pour que les enfants aient un toit ? On quitte ce monde-là pour les mettre à l'abri. Félicie est le cadre d'un rapprochement familial et c'est une expérience que vivent de nombreux enfants sur cette terre. Alors voilà l'histoire de la genèse, de la création d'Un papillon dans la cité.

É.L.: Il y a beaucoup de phrases et de mots en créole dans le roman Un papillon dans la cité. Le récit met en évidence aussi la transmission de sagesse à travers la voix, la figure des grands-mères et quelques croyances populaires. Pouvez-vous nous parler un peu du rôle de l'oralité dans votre projet littéraire?

G.P.: Je voulais écrire ce roman avec la langue créole. Au départ c'était un livre bien sûr destiné aux enfants de la Guadeloupe. Je n'imaginai pas que ce livre allait voyager autant et rencontrer des lecteurs du monde entier. Alors, les mots créoles, c'est pour dire qu'on ne doit pas les mettre de côté parce qu'ils font partie de ce que nous connaissons, de ce que nous vivons. Ils sont respectables, parce qu'ils sont nécessaires vraiment à la compréhension de ces gens qui viennent de la Guadeloupe: comment dit-on en Guadeloupe, comment parle-t-on, comment envisageons-nous les jours, le travail....

Ces mots créoles sont là parce qu'ils sont nécessaires. Ce n'est pas une posture, ce n'est pas juste pour créoliser un petit peu le texte et donner une note exotique à mon travail et à mon écriture. Ces mots créoles s'imposent, parce que la grand-mère Julia - Man Ya - ne parle pas le français. Je voulais être au plus près de mes personnages et ne pas utiliser la langue française standard. C'était important même si tout le monde ne comprend pas. Il y a quelques petites notes en bas de page, mais c'est pour être dans une authenticité avec mes personnages, c'était important pour moi de les montrer. Comment ils échangent, quels sont leurs codes, comment communiquent-ils même avec ces mots créoles et avec ces proverbes, avec cette façon de dire sans dire avec des images. Il faut le savoir, la langue créole est très



imagée, on utilise beaucoup de métaphores. Ça avait du sens pour moi et pour tout ce que j'écris à chaque fois que j'ai des personnages guadeloupéens antillais. Ils s'expriment comme le font les gens de la Guadeloupe au quotidien avec le créole et avec le français. Donc elle a été mise en avant par le mouvement de la Créolité qui a été fondé par Patrick Chamoiseau et Raphaël Confiant. C'est un mouvement qui prenait déjà sa source dans les ouvrages de Simone Schwarz-Bart avec *Pluie et vent sur Télumée Miracle*. On retrouve ce mot créole qui est là et qui traverse la langue française. Les mots de l'ancien français sont demeurés dans le langage créole d'aujourd'hui. Ils ont disparu en France hexagonale, mais ils demeurent très présents dans la langue créole.

Je recherche souvent les mots du vieux français pour les insérer dans mes textes et, dans *le papillon dans la cité*, je voulais rendre hommage à cette langue aussi comme dans la plupart de mes romans. *L'imaginaire*, il est là. Le mode de parler des croyances. Des croyances qui nous viennent d'Afrique, le soukounyan, les esprits, les morts qui nous parlent, il y a tout cela dans le monde antillais.

É.L.: À partir de la lecture du roman et des interviews que vous avez données, nous pouvons percevoir le rôle central que la figure de la grand-mère joue dans votre écriture et dans votre vie. C'est quelqu'un qui accueille, qui rassemble la famille par la cuisine et les histoires, comme un dépôt vivant de tendresse et de sagesse. *Man Ya* paraît refléter la figure de votre propre grand-mère, mais il y en a d'autres, même dans *Un papillon dans la cité*. Comment se donne le processus de construction de ces autres grands-mères dans vos romans? Et quant à *Fathia*, comment vous l'avez conçue? Est-ce que cette proximité entre *Man Ya* et *Fathia* peut suggérer une proximité aussi entre la culture arabe et la culture guadeloupéenne?

G.P.: C'est vrai que si je n'avais pas eu dans mon enfance ma grand-mère Julia à mes côtés dans cet appartement de la banlieue parisienne, je crois que j'aurais été différente aujourd'hui. À cette époque dans les années 1960 du siècle dernier déjà, les parents antillais qui faisaient le voyage, qui arrivaient en France métropolitaine, abandonnaient la langue créole. Ils refoulaient cette langue créole et ils ne s'adressaient à leurs enfants qu'en français, parce que, selon eux, la langue française était la langue noble, la langue de la promotion sociale, et la langue créole était la langue des paysans qui travaillent dans les champs de



canne en Guadeloupe, la langue des campagnes guadeloupéennes et, d'ailleurs, mon père appelait cette langue le patois.

Mes parents, entre eux, ne parlaient que le français, et quand ma grand-mère est arrivée dans nos vies, j'avais 4 ans et, voilà, elle ne pouvait pas faire semblant de parler le français, puisqu'elle ignorait tout du français. C'est grâce à elle que j'ai eu cette langue coulée dans mon oreille pendant mon enfance, de mes 4 ans à mes 14 ans. Pendant dix ans j'ai eu ma grand-mère et cette langue créole avec moi. On la comprenait grâce à ma grand-mère et on l'a comprise également quand en 1970 nous arrivons en Martinique d'abord, et ensuite en Guadeloupe, où tout le monde parle la langue créole. Et je comprends, nous comprenons, mais nous avons toujours eu l'habitude de répondre en français à ma grand-mère. Nous comprenons, mais nous sommes incapables de parler la langue créole.

Cette grand-mère, pour moi, comme la grand-mère Fathia de Mohamed dans le récit, elle est là pour faire le lien avec le pays perdu, elle est là pour la transmission, tandis que les parents, souvent dans l'exil, veulent couper ce lien avec le pays, parce que pour eux c'est un peu le pays de la misère, de l'échec, le pays aride, qui ne donne rien, qui ne donne pas de travail, qui ne donne pas de pain. Le pays où il y a eu de la servitude, où il y a de mauvais souvenirs, où il y a une histoire douloureuse. Les Antilles, la colonisation, l'esclavage. Alors, les parents agissent de cette manière pour le bien de leurs enfants, mais ils ne savent pas qu'ils leur retirent une partie importante de leurs êtres même, au plus profond, et de leurs substances même. Qu'ils les vident de cette richesse qui est la langue et qui est cet endroit d'où ils viennent: ce pays, Guadeloupe, comme le pays de Mohamed.

Mohamed ressemble à Félicie. Plus tard, vous savez, je parlerai d'autres migrants, cela m'intéresse beaucoup, cette question de la migration, parce que quand on quitte un pays on ne part pas les mains vides. On revient, on arrive avec quelque chose et on apporte aussi au pays d'accueil, même si le pays nous accueille mal souvent, parce que les gens passent pour des étrangers. Nous sommes des étrangers, nous ne parlons pas la langue correctement, nous avons un accent et c'est très compliqué.

Donc, les grands-mères sont là pour la transmission. J'ai eu la chance d'avoir ma grand-mère Julia auprès de moi, qui m'a transmis énormément déjà l'amour du pays et de cette langue, les histoires, les contes et légendes. Quand je suis arrivée à l'âge de 14 ans à la Guadeloupe, je n'étais pas tout à fait analphabète comme elle disait. Elle me disait qu'elle



même était analphabète... J'ai pu grâce à elle connaître la nature de mon pays. Elle m'a enseigné, elle m'a énormément enseigné.

É.L.: Dans le roman, nous avons trouvé très beau le passage où le personnage Mohamed rencontre la mer pour la première fois et les comparaisons entre la mer et le désert qui se succèdent. Peut-on lire cette rencontre du désert avec la mer comme une rencontre de cultures (arabe et caraïbéenne)? À cet égard, depuis que les personnages Félicie et Mohamed se rencontrent en France et donc ils connaissent le mode de vivre l'un de l'autre, vous croyez que la langue française peut être ce pont entre les différentes cultures?

G.P.: Effectivement, Félicie ne va pas simplement rencontrer des Français de France, elle va rencontrer aussi tous ceux qui viennent du temps de la colonisation française et Mohamed est un enfant comme elle qui a quitté son pays pour arriver dans cette banlieue parisienne où il y a beaucoup de migrants. Alors, bien sûr que la langue française peut être un pont entre les cultures. Quand j'ai écrit mon premier roman dans ma cité à l'âge de 10 ans, c'était aussi pour jeter un pont avec ses enfants qui ne voulaient pas me parler à cause de la couleur de ma peau. Ces enfants qui me rejetaient, qui me considéraient comme une étrangère, comme un animal, ces enfants qui ne s'intéressaient pas à moi, qui pensaient que j'allais les salir.

Effectivement cette langue française est un pont entre toutes les cultures, la rencontre se fait entre Mohamed et Félicie parce qu'il y a cette langue française. Et la grand-mère, Fatiah, qui ne parle pas [français] très bien, qui fait goûter aussi sa cuisine. Tout à l'heure je crois qu'on m'a parlé de la cuisine aussi des grands-mères. C'est une façon de découvrir le monde et de montrer aussi la richesse du monde avec tous ces plats qui sont inventés par les êtres humains, par les femmes dans les cuisines... et qui sont bons! On a envie de goûter ces plats, on a de la curiosité pour ces plats et Félicie, elle est gourmande. Elle ne voit pas Mohamed comme un étranger, elle le voit comme un jeune garçon et elle est curieuse de sa culture. C'est cette curiosité que moi-même j'éprouve quand je voyage dans les pays. J'ai envie de découvrir, je ne me contente pas de manger de la cuisine française, au contraire, je suis toujours vraiment dans une soif de découvrir la culture de l'autre. On parle de la cuisine mais aussi on peut parler de la culture en général. Quand je parle de la façon dont on fait Noël en Guadeloupe et en France, c'est très, très différent. Nous sommes français en Guadeloupe, nous sommes département français d'outre-mer, mais nous fêtons Noël



différemment. Il n’y a pas de neige. Il y a maintenant des Père-Noël, mais on n’a pas de neige. On n’a pas de sapin de Noël on prend une branche de filao et on met des fleurs et des guirlandes; on joue du tambour; on ne mange pas de dinde... dans cette cité, Félicie a la nostalgie de son pays, de ses fêtes, du voisinage comme elle raconte, comme elle se souvient.

J’aime beaucoup évoquer la nostalgie parce qu’on va découvrir un pays. On est curieux de ce pays, mais en même temps il y a toujours de la nostalgie de celui qui va quitter sa terre. Ça m’intéressait beaucoup d’envisager Félicie sur le plan psychologique aussi, pas simplement la voir de l’extérieur mais entrer dans sa tête, dans ses pensées – à quoi je pense, qu’est-ce que je vais faire. Et même si c’est une petite fille qui a des difficultés sur le plan affectif avec sa maman qu’elle ne connaît pas, elle est capable d’aider l’autre, d’aider quelqu’un. Félice tend la main à Mohamed, il vient dans notre pays, elle ne l’aurait peut-être jamais rencontré, mais l’amitié peut exister. C’est ce que je dis dans Un papillon dans la cité: l’amitié peut exister avec des gens qui ne sont pas de la même couleur de peau que vous, qui ne parlent pas la même langue, qui n’ont pas la même histoire dont les parents ne viennent pas du même coin.

É.L.: Il y a dans notre groupe certains qui sont déjà enseignants et d’autres qui se préparent pour devenir enseignants. Dans ce sens, l’importance de l’éducation et le rôle joué par Mlle. Bernichon, l’enseignante dans le roman, nous a vraiment touché. Est-ce qu’il y a une raison spéciale pour avoir choisi l’école comme facteur de transformation? Vous pourriez nous parler un peu de ce choix?

G.P.: C’est vrai qu’il y a la cité, mais il y a aussi le collège. Les enfants se rencontrent au collège, ils se retrouvent dans une classe et ils doivent vivre avec un petit groupe d’étrangers. Ils ne se connaissent pas au commencement de l’année scolaire et ils doivent apprendre à vivre ensemble. C’est un petit peu un raccourci du monde.

Voilà des enfants qui viennent d’un peu partout, ils doivent cohabiter et c’est ce que nous devons faire nous sur la Terre. Tous sur la Terre, sur toute cette Terre-là, on doit cohabiter. Alors, l’éducation est tellement importante. Quand Mlle. Bénichou décide de faire ce voyage, c’est une jeune enseignante pleine d’énergie et en même temps d’empathie. Elle aime ses élèves, elle aime son métier, elle aime ce qu’elle fait et elle a envie vraiment de les sauver tous et puis de leur apprendre le monde. Et elle va choisir la Guadeloupe, comme par hasard, parce que c’est pour eux une façon d’entrer et de découvrir une autre partie du



monde à 8000 kilomètres. Et comme par hasard Félicie est dans cette classe-là. C'est aussi une façon habile, pour moi, d'amener Mohamed à découvrir la culture et le pays de Félicie puisqu'elle-même, dans l'appartement de Mohamed, découvre sur le monde d'Afrique du Nord, la culture de la grand-mère, les robes, les tenues, tous les tapis, et puis, bien sûr, toutes les bonnes pâtisseries que prépare la grand-mère Fatiha. Elle voit que Mohamed découvre aussi les plats de Man Ya.

Alors, l'éducation est très importante parce que c'est là où on apprend aussi à respecter l'autre. C'est là où on devrait apprendre à respecter l'autre même s'il vient de tel ou tel pays, même s'il a un accent, même si ses cheveux sont comme si ou comme ça. C'est un endroit qu'on ne devrait pas simplement apprendre les mathématiques, les langues, on devrait apprendre aussi comment vivre ensemble sur cette planète.

Je crois que dans ce petit livre, *Un papillon dans la cité*, je dis vraiment, je donne vraiment ma vision du monde. J'ai parlé tout à l'heure d'amitié, j'ai parlé de l'exil, et ce sont les grands thèmes: l'amitié, le vivre-ensemble, l'entraide et aussi l'empathie. Je crois que dans ce livre-là, je dis aussi que je suis contre toutes les formes de préjugés. Ça c'est mon credo. J'écris contre les préjugés et j'ai l'espoir quand je termine un livre que le lecteur sera touché et il aura peut-être envie d'aller rencontrer ces noirs qu'il déteste, qu'il ne connaît pas, parce qu'avant tout c'est bien sûr l'ignorance qui est la base de ce rejet. La bêtise, l'ignorance. On n'est pas curieux des autres, on les juge et puis on véhicule des préjugés que nos parents, ou des adultes d'un certain milieu, nous enseignent.

Ce n'est pas seulement les autres, ce n'est pas seulement des gens en Europe, c'est en Guadeloupe aussi, c'est chez moi. Je déplore ce préjugé de couleur des différentes teintes, du plus sombre au plus clair et c'est vrai qu'il y a encore de préjugé de couleur en Guadeloupe. Ça fait aussi partie de mon combat. Ça c'est très important pour moi de le dire aujourd'hui.

É.L.: Nous savons que parfois, dans le milieu éditorial, les auteures et les auteurs ne disposent pas toujours de pleine autonomie concernant certains choix relatifs à la mise en page finale de leurs livres. Dans le cadre de votre premier roman publié chez un éditeur, comment s'est déroulé le processus de publication d'*Un papillon dans la cité*? Avez-vous eu la possibilité de prendre des décisions quant à des éléments tels que les notes de bas de



page, la division des chapitres et la couverture du roman? Pensez-vous avoir eu plus de liberté de choix lors de la publication de vos romans ultérieurs?

G.P.: Quand j'ai publié *Un papillon dans la cité*, déjà j'étais très contente qu'un éditeur accepte enfin de publier un de mes livres. C'était le premier, j'avais déjà été publiée pour des nouvelles, comme je vous l'ai dit, alors avec *Un papillon dans la cité*, j'étais très heureuse. L'éditeur s'appelle Patrick Mérand et, à cette époque-là, il était en train de créer sa maison d'édition. C'était lui-même qui avait dessiné la couverture de *Un papillon dans la cité*. Je ne sais pas si vous avez la première édition, la deuxième ou la troisième, puisqu'il y a eu des éditions successives et, à chaque fois, on a changé la couverture pour l'actualiser, pour la rendre un peu plus moderne. Alors il y a des gens qui ont l'édition avec la tour, les petits dessins, le papillon, et puis il y en a d'autres qui ont le visage d'une petite fille sur un fond orange. Il y a une troisième édition avec une couverture bleue aussi. Enfin, je n'ai pas eu le droit à la parole, bien sûr. Pour les auteurs, à partir du moment où ils livrent leurs textes, ils ne sont plus tellement maîtres de quoi que ce soit.

Les notes en bas de page ont été nécessaires, j'ai accepté, parce que ce livre allait rencontrer quand même des lecteurs qui n'étaient pas tous créolophones. La couverture, je n'ai aucun droit de parole, je n'ai pas tellement de choses à dire. Et les notes en bas de page, il n'y en a pas dans mes livres destinés à des adultes. Je refuse. Là, je ne veux pas qu'il y ait de traduction. Il y a peut-être une traduction dans un livre que j'ai écrit sur l'histoire vraie de ma grand-mère Julia, un livre qui s'appelle *L'exil selon Julia*, où il y a une chanson créole qui est traduite dans le corps du texte.

J'ai été publiée au *Mercure de France*, aux *Éditions Stock*, chez *Philippe Rey* et, maintenant, chez de nombreux éditeurs parisiens et c'est vrai que la plupart du temps, on considère que ce n'est pas le travail de l'auteur. Il y a des infographistes et, même si parfois j'ai exprimé mon désaccord pour des couvertures, je n'ai pas été entendue. Je ne citerai pas les titres, mais ça a été de même douloureux parfois pour moi, de voir une certaine image en couverture d'un de mes livres qui ne correspondait pas du tout à ce que j'avais écrit, qui ne ressemblait pas à mon héroïne. Il y a des couvertures que j'aime beaucoup mais il y en a quelques-unes qui ne me plaisent pas. Mais les éditeurs m'ont dit « bah c'est ça, voilà, point ». Merci pour cette question qu'on me pose rarement.



É.L.: Nous avons identifié des dialogues possibles entre votre roman *Un papillon dans la cité* et celui de Maya Angelou, *Je sais pourquoi chante l'oiseau en cage*, ainsi qu'avec les mémoires de Maryse Condé (*Le cœur à rire et à pleurer*). Pourrait-on penser à un réseau entre les écrivaines antillaises et (peut-être) américaines? Pensez-vous à votre production dans une lignée de la littérature des femmes guadeloupéennes et/ou noires américaines?

G.P.: Qu'est-ce que vous avez pu trouver avec *Je sais pourquoi chante l'oiseau en cage*? Parce que c'est quand même une histoire terrible. C'est une histoire tellement douloureuse, beaucoup pondéreuse que celle de Félicie. Dans l'histoire de Félicie, il y a l'expérience de l'exil, mais il n'y a pas cette violence, cette violence qui lui est faite, d'une enfant qui est abusée, qui est violée, qui est maltraitée... Félicie échappe à ça dans *Un papillon dans la cité*. On va retrouver de la violence dans d'autres de mes livres dans quelques-uns nombreux même, parce que c'est un thème qui m'intéresse beaucoup. Au-delà de la filiation avec les Américaines, bien sûr, d'avantage même avec Maryse Condé qui est Guadeloupéenne. Il y a un intérêt pour la femme noire, sa situation, son vécu et ses souffrances dans mes livres. Je ne sais pas si c'est perceptif dans *Un papillon dans la cité*, mais en tout cas dans d'autres livres, dans même *L'exil selon Julia*, dans *Cent vies et des poussières*... on retrouve des femmes qui sont maltraitées, qui souffrent et qui se relèvent aussi. J'étais une grande lectrice dès très jeune de Maya Angelou et de Toni Morrison, et je me reconnais en tant que femme noire dans ses ouvrages; je reconnais la douleur, je reconnais la difficulté de dire et de décrire la douleur. Je reconnais notamment dans l'écriture de Toni Morrison cette viscéralité qui prend aux tripes. La façon de dire, d'écrire avec tellement de justesse et tellement de force, avec toute cette beauté aussi à travers la douleur dans les textes aussi bien de Maya Angelou que de Toni Morrison. Les deux sont des modèles pour moi. Elles sont de grandes plumes parce qu'elles racontent avec sincérité, parce qu'elles racontent de l'intérieur même, parce qu'elles ont été en contact avec des femmes, avec tant de femmes et elles ont su dire, elles ont su crier aussi dans leurs livres, elles ont su faire entendre la voix de ces femmes-là et je les en remercie. Il y a beaucoup de femmes dans mes romans, il y a eu beaucoup de petites filles, les histoires avec de petites filles et avec des femmes, il y a aussi les petites filles qui grandissent tout au long des pages et qui vont devenir des femmes et qui ne vont pas oublier les violences subies dans l'enfance.



É.L.: La diffusion des littératures (au pluriel) en langue française est assez récente au Brésil: malgré la proximité géographique et historique qui nous lie aux anciennes colonies françaises, l'université et le marché éditorial brésiliens ont longtemps ignoré une production considérée périphérique par rapport au centre franco-français. Avez-vous un aperçu de la réception de votre œuvre au Brésil?

G.P.: Je n'ai pas du tout d'aperçu. Je ne sais pas si on la connaît au Brésil, mais, en fait, je vois que des étudiants s'intéressent aux Antilles françaises. Et moi aussi, je suis curieuse des retours que je pourrais avoir par rapport à ces lectures. Il y a une proximité, il y a des histoires tellement communes en tout cas. Est-ce qu'on peut dire que des enfants du Brésil peuvent se reconnaître dans ce livre-là *Un papillon dans la cité*? Est-ce que des enfants élevés par leurs grands-parents et qui doivent aller dans une grande ville, qui doivent partir, font-ils l'expérience de l'exil?

É.L.: Récemment nous avons lu le livre *Pour une littérature-monde*, organisé par Michel le Bris et Jean Rouaud, et nous avons l'impression que les auteurs de langue française rassemblés (et parfois effacés) sous le qualificatif « littérature francophone » semblent être fatigués de répondre pourquoi ils écrivent en français. Répondez-vous souvent à cette question? Que signifie pour vous d'être placée sous le signe de la francophonie?

G.P.: On ne me pose pas la question « pourquoi j'écris en français » parce que la langue française est ma langue maternelle. La langue créole est ma langue grand-maternelle. On sait pourquoi j'écris en français. C'est parce que je viens d'un département français d'outre-mer, d'une île qui a été colonisée par la France. La Guadeloupe a été colonisée par la France, nous y sommes à des kilomètres, mais nous sommes français, nous parlons le français. Heureusement, nous avons conservé la langue créole, nous l'avons préservée aussi. Cette langue créole a maintenant ses dictionnaires, ses grammaires, ses grammairiens, des étudiants qui obtiennent des doctorats. C'est une langue qui a été mourante, agonisante et que l'on a vraiment ranimée, ramenée à la vie, parce que c'était une langue qui était énormément méprisée. Je l'ai dit plus tôt, c'était la langue des campagnards, la langue des champs de canne.

Donc, pourquoi j'écris en français? Pourquoi est-ce que je suis de la francophonie? Qu'est-ce que ça veut dire « la francophonie »? Quand j'entends « francophonie », j'entends la grande histoire du monde, j'entends aussi – et je ne veux pas utiliser la langue de bois



– ce temps, le temps des colonies. Il y a la francophonie parce que la France a eu un empire colonial et la langue française est arrivée dans ses colonies, jusqu'à très loin en Asie, en Afrique, dans les Caraïbes, en Amérique.

Mais je suis heureuse de parler cette langue française. J'aime cette langue française. J'aime beaucoup cette langue française et même si on me dit aujourd'hui que je suis francophone, oui, je suis francophone, parce que je parle le français. Je parle aussi le créole parce que derrière la francophonie, il y a peut-être une histoire douloureuse, tragique et des combats pour la liberté, mais cette langue m'appartient tout autant qu'à un Français de France et j'en fais ce que je veux. J'aime cette langue française avec et à ses côtés, la langue créole. J'ai le droit de réinventer cette langue française, de jouer avec cette langue française et de parcourir cette langue française à mon rythme, à ma cadence.

Alors, on ne va pas classer mes livres dans la pure littérature française, surtout parisienne. Quand je me promène dans les librairies françaises, des fois je vois mes livres dans la littérature-monde et bien, d'accord, j'accepte d'être dans cette littérature-monde parce que pour moi, la littérature appartient à tout le monde.

Aujourd'hui vous êtes très loin de moi. Vous avez lu *Un papillon dans la cité*, c'est grâce à la langue française que vous avez rencontré ce petit coin de ce petit papillon qui est la Guadeloupe et qu'on ne trouve même pas sur toutes les cartes du monde. Est-ce que vous avez vu que la Guadeloupe a une forme de papillon? Au milieu des Antilles, ce petit papillon voyage. La langue française c'est ma langue, je la revendique. Quand j'écris, je me perds dans les mots. J'aime tous ces mots qui sont à ma portée, qui sont accessibles, qui ont traversé les mers et les océans et qui ont rencontré mes ancêtres. Cette langue m'a été transmise par mes parents et puis, je remercie tous les auteurs que j'ai lu qui m'ont fait aimer les livres et la littérature. Une langue, on se l'approprie, elle nous appartient et on la partage. On a évoqué tout à l'heure cette idée de pont et oui, cette langue est un pont entre les hommes, comme d'autres langues. Alors merci à vous de découvrir *Un papillon dans la cité* et d'être curieux. J'avais parlé de ma propre curiosité mais je remercie ici encore la Bibliothèque des Amériques et vos enseignantes qui ont eu cette curiosité pour ce petit livre avec cette histoire qui ressemble à tant d'histoires à travers le monde: d'un enfant qui doit partir et qui doit s'adapter. On doit s'adapter à un nouveau monde.

